

Ensaio para Crônica

No Brasil, podemos afirmar que a crônica está para a literatura, assim como o samba está para a música. Afinal, quem não gosta de samba bom sujeito não é; quem não gosta de crônica também não.

Nossas crônicas, todas as boas ou todas as más, mesmo as falsas e as miseráveis, parafraseando um Chico, como nossos sambares, serão bonitas, não importa, serão bonitas.

Há de boçais pregarem ser a crônica um gênero menor. Bobagem! Gênero menor é o conto, onde se dá por escrever menos. E o que dizer da poesia, uma garatujazinha trepada em degraus em proposta frustrada do indizível?

Contextualizada à questão de quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha, arriscamos afirmar que foi a crônica, e que esta não é pinto não.

Escrever crônica é meio que fazer sala, bater papo, jogar conversa fora. Advirto, ainda, que a escrita poupa o leitor da decepção presencial daquele indivíduo muitas vezes mais interessante por trás de suas palavras. Aquele que, num primeiro ou segundo momento, há de revelar o pensamento disperso, de engolir as últimas sílabas quase impronunciáveis, de gaguejar em digressões extensas sem hora de ter fim, ou de, subitamente, mostrar a face apática de quem se apercebe a qualquer instante que falar sobre a mais bruta tolice pode ser mais interessante do que versar sobre teorias literárias, acordos ortográficos e gêneros textuais.

Por outro lado, o cronista, por excelência, é um bom ouvidor. Andar em ônibus e ouvir a conversa alheia, por exemplo, faz parte do repertório metodológico do cronista. Ler jornais, ouvir rádio, prestar atenção nos feitos de outrem, seja numa agência bancária, num banco de praça, em restaurante, em corredores de hospitais e mesas de bares, também ajuda. Curiosamente, a falta de assunto é, de longe, um dos melhores e mais frequentes estímulos para o autor.

Diante dela, do branco evidencial, cria-se de um tudo, partindo sempre da recorrente constatação “não sei mais sobre o que escrever!”

O Ailton Monte, eterno cronista, que o diga. Dias há em que conversava até com as formigas na calçada para extrair-lhes alguma doçura, mesmo que esta, a todo esforço, ainda vingasse por adoçante.

Daí, o cronista, como convidado do café da manhã de seus leitores, ter a oportunidade de salvar o seu dia ou azedá-lo completamente, a partir de uma piada bem colocada ou da constatação inequívoca de nossa total inabilidade para viver neste mundo — existem outros, acredito.

E é nisso, enfim, que ainda reside a possibilidade da crônica, no seu fazer, que deveria ser de todo assim: olhando nos olhos, puxando firme o cabelo à altura da nuca, murmurando ordens ao pé da orelha, e, se couber, dando umas tapinhas, com toda a gentileza que só quem traz um grande amor pode entender.

Raymundo Netto, em *Quando o Amor é de Graça!* (crônicas, Edições Demócrito Dummar), 2019).